



2022

Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

ÍNDICE

(Clique na data para o discurso pretendido)

- [09.04.2022](#) – Mensagem Dia Nacional do Combatente
- [09.04.2022](#) – Dia Nacional do Combatente
- [16.04.2022](#) – Apresentação do livro “Cartas de Amor e de Dor
- [29.05.2022](#) – Dia das Operações de Paz e Humanitárias
- [19.08.2022](#) – Inauguração do restauro do Monumento aos Combatentes – Díli, Timor Leste
- [02.09.2022](#) – Monumento de Homenagem aos Combatentes, Calheta – Ilha de S. Jorge
- [06.09.2022](#) – Homenagem ao Prof. Doutor Adriano Moreira, no dia dos seus 100 anos de vida
- [17.09.2022](#) – Inauguração de Monumento aos Combatentes Canenses – Cano, Sousel
- [02.11.2022](#) – Mensagem aos Combatentes e Famílias no Dia de Finados
- [11.11.2022](#) – Dia do Armistício da Grande Guerra
- [15.12.2022](#) – Mensagem de Natal

MENSAGEM NO DIA NACIONAL DO COMBATENTE

9 de abril de 2022

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Evocamos hoje o “9 DE ABRIL”, DIA DO COMBATENTE, rememorando a data e os militares portugueses que naquele dia e na batalha de La Lys, deram de si o melhor para escrever história à História dos Feitos Militares Portugueses naquele conflito de 1914 – 1918.

Os Combatentes de ontem, de hoje e cremos que no futuro, constituem-se num exemplo de cidadãos que abnegadamente serviram Portugal ao serviço das Forças Armadas, na Marinha de Guerra, no Exército e na Força Aérea e na Marinha Mercante.

Relembramos hoje e 104 anos depois, a valentia de que deram prova e a entrega pessoal dos Militares Portugueses à contenda que ocorreu naquela madrugada de 9 de abril, em solo francês, ao Serviço de Portugal e lutando para restabelecer a Paz na Europa.

Como forma de reconhecimento celebramos o seu esforço, doação e dádiva suprema, nesta data e Dia, reservado para que sejam lembrados, homenageados e agraciados os Combatentes pelo esforço prestado no cumprimento da Missão que então lhes foi cometida.

Ao longo de décadas, Presidentes da República, Primeiros-Ministros, Ministros da Defesa Nacional, Secretários de Estado da Defesa Nacional, Generais e Almirantes Chefes de Estado-Maior General das Forças Armadas, outros Generais e Almirantes acrescentaram carácter nacional a esta EVOCAÇÃO, homenageando neste simbólico dia, essa exemplar e abrangente figura do COMBATENTE.

Igualmente, e até esta data, com o mesmo simbolismo evocativo que abrange a Liga dos Combatentes e os seus Núcleos inserto no assinalado DIA DO COMBATENTE, são conduzidas pelos Núcleos da LC cerimónias evocativas que vincam indelevelmente este dia de Memória, efetuando cada Núcleo uma cerimónia simples que destaca a data vivida e consubstanciando nela o esforço de todos os Combatentes Portugueses intervenientes nos conflitos do Século XX.

Nessa cerimónia, simples de aparato e grandiosa no significado, uma coroa de flores e uma prece constituem-se em oferendas junto dos monumentos aos Combatentes da Grande Guerra, ou na romagem efetuada aos talhões da Liga dos Combatentes, atos de simbolismo e elevação protagonizados pelos Núcleos da Liga dos Combatentes no País ou no estrangeiro.

As mais distintas figuras do país, no espaço fronteiro ao MONUMENTO DE SANTA MARIA DA VITÓRIA na Vila da Batalha e na SALA DO CAPÍTULO, perante o símbolo entre símbolos – O TÚMULO DO SOLDADO DESCONHECIDO - proferem a oração fundamental das nossas cerimónias, dissertando no ALTAR DA PÁTRIA, com subida apologia ao COMBATENTE e ao SOLDADO DESCONHECIDO PORTUGUES.

Para local de celebração e memória, escolheu-se em 1921, o MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VITÓRIA, mais conhecido como MOSTEIRO DA BATALHA, não existindo um melhor lugar para receber os dois soldados que se tornariam símbolo dos que caíram na Grande Guerra.

Ainda hoje esses dois Combatentes se encontram sob a abóbada da Casa do Capítulo, com a presença constante de uma “Chama Eterna”, proveniente do Lampadário Monumental elaborado por Lourenço Chaves, com Guarda de Honra permanente e sob a proteção do mutilado, mas belo, “Cristo das Trincheiras”, num conjunto tangível e espiritual destinado a honrar os soldados que morreram em tempo de guerra sem que os seus corpos tenham sido identificados. Os memoriais deixam de ser meramente comemorativos para passarem a ser lugares de justiça, reconciliação, lembrança e luto.

A Batalha de La Lys foi uma enorme ofensiva militar alemã focada ao norte da fronteira franco-belga, na região da Flandres, durante a Primeira Guerra Mundial.

Também conhecida como Operação Georgette, Ofensiva do Lys, Quarta Batalha de Ypres, fez parte da chamada Ofensiva de Primavera, onde os alemães pretendiam romper as linhas Aliadas de uma vez por todas na Frente Ocidental europeia.

A Operação Georgette acabou falhando em seus objetivos principais e terminou sendo inconclusiva para os alemães no quadro geral da guerra, dando vantagem tática aos Aliados.

Nesta batalha, que marcou fortemente a participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial, os exércitos alemães infligiram um insucesso tático às tropas portuguesas em La Lys, integradas no exército Inglês, mas ficaram longe de contrariar os ALIADOS e de atingir os objetivos que pretendiam, ou seja, tomar de vez a região de Ypres e expulsar os britânicos dos portos belgas.

É tudo o que se refere anteriormente que enquadra as cerimónias levadas a cabo pela Liga dos Combatentes no seu todo, cerimónias que se concretizam, ano após ano, com forte empenho dos Núcleos e seus Associados, divulgando uma data e um esforço sobre humano dos seus protagonistas – OS COMBATENTES PORTUGUESES – naquele conflito que julgávamos nunca mais ver repetido...

Aos Núcleos da LC exorto uma vez mais a empenharem-se nas cerimónias a realizar nos lugares de justiça, reconciliação, lembrança e luto, onde anualmente celebramos esta data, por forma sentida e nobre como Combatentes que somos.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

CERIMÓNIA EVOCATIVA DO 104.º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE LA LYS, DIA NACIONAL DO COMBATENTE

9 de abril de 2022

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

O Dia do Combatente evoca-se hoje, como sempre, num contexto de memória histórica, mas hoje também, face aos atuais graves acontecimentos bélicos na Europa, num contexto de vivência do presente, devendo eu por isso que reafirmar o que em declaração do dia 24 de fevereiro, dia da invasão da Ucrânia, difundimos publicamente: Constatando que se abriu, no século XXI, na Europa, uma vertente violenta com o emprego da força, na relação entre países europeus, e recordando da História o sofrimento e as vítimas europeias escusadas, do passado, declarámos:

- Repudiar a violação dos Direitos Humanos, no Leste da Europa, como uso de Forças Armadas em ações de guerra, sem que estivessem esgotados os caminhos pacíficos da diplomacia;
- Alertar para necessidade de em permanência, Portugal, dispor de Forças Armadas capazes de serem, quando necessário, um contributo válido, proporcional sustentado, para a defesa da Paz na Europa.

Meus Senhores e Minhas Senhoras

Regressemos ao contexto da memória que nos traz aqui hoje. Ultrapassada a comemoração do centenário da Grande Guerra, acontecimento bélico que marcou profundamente a história contemporânea, somos levados a considerar ser momento para sublinhar e refletir sobre duas realidades.

A primeira, é a de que ao Centenário da Grande Guerra foi dado excepcional relevo, não só por parte dos mais altos responsáveis políticos portugueses e das nossas Forças Armadas, mas de todos os setores da vida nacional, em especial dos dominadores de problemáticas historiográficas, de fontes sobre o acontecimento à luz de quem o viveu, arquivos institucionais e pessoais que permitiram a autores e escritores aprofundar estudos, vivências, memórias, que através da palavra, em colóquios, conferências, ou da escrita, em livros publicados, enriqueceram não só a História, como honraram a memória dos que se bateram e dos que caíram em situação dramática de uma Grande Guerra. Curta, mas mortífera e demolidora.

Foram as consequências, igualmente desumanas dessa guerra, que deram origem à nossa Instituição patriótica e humanitária, como Liga dos Combatentes, da qual estamos a comemorar o Centenário da sua fundação.

A segunda realidade, que nos leva a refletir, é a de que embora tenham finalizado as cerimónias evocativas do Centenário da GG, nós, Liga dos Combatentes e altas entidades representantes do poder político e das Força Armadas, estamos novamente, aqui na Batalha, como estivemos há uma semana em França, nos, para nós históricos lugares, de Richebourg, La Couture, Boulogne-Sur-Mer e Ambleteuse, evocando simbolicamente "a heroica e terrível Batalha de La Lys", hoje dia Nacional do Combatente, e como vimos fazendo, pela centésima quarta vez, continuando a manter vivas as memórias relativas aos que na Europa e em África, no Atlântico e no Índico, lutaram por Portugal e pela Liberdade.

Quantas vezes aqui, ao longo dos anos se evocaram os que em terra se bateram na Flandres, no Norte de Moçambique ou no Sul de Angola. Se evocaram e se continuarão a evocar. Sempre salientando o eterno conflito entre o cumprimento do dever e o perigo a enfrentar.

Retiro das palavras de um comandante referindo-se ao ambiente por si vivido, na GG, nesse confronto entre o dever e o perigo. Cito:

“O dever acaba na morte. Deve-se morrer bem. A nossa vida nunca é nossa. Reparemos na Flandres de drenos profundos e lodosos, na Flandres das batalhas. É aqui que vivemos há perto de um ano! Os meus soldados já perderam dos olhos a cor que traziam. E da campanha infinita vêm só ondas de metralha, o rolar monstruoso dos aços que se pulverizam, o estrondear das goelas brancas do canhão! E como novidade, ouve-se bem o ranger das metralhadoras. É mais um comparsa. O incêndio põe bandas avermelhadas no horizonte. Há soldados que andam, que passam, que caem onde o destino quer.

Caiem aureolados pela glória, levando na alma a alegria dos sacrifícios sacrossantos, no coração um sentimento de grandeza que ninguém igualará. Nas suas campas de acaso, à beira das aldeias, nos ermos, sob as árvores, na profundeza da água lodosa e verde do Lys – eles terão sempre, como uma prece, a nossa lembrança, como carinho o nosso triunfo, como saudade a nossa admiração. Não chegará nunca o esquecimento! Todos poderão esquecer-los menos nós, companheiros. Nós temos de nos curvar ao respeito que infundem os que caíram nesta cruzada do nosso século. Que descansem os Heróis mortos”. Fim de citação.

Quem nos diria que passado precisamente um século estaríamos vivendo cenário idêntico. Por isso, continuamos nós hoje aqui, cumprindo esse legado e dever de preservar sua história e conservar a sua memória, evitando o esquecimento e para que hoje tenhamos moral para gritar bem alto que se evite a todo o custo a repetição da história e se assegure a Paz.

Mas na GG não houve só teatros da guerra terrestres. Ela desenrolou-se igualmente no mar, nomeadamente na costa atlântica portuguesa, no envolvente rio Minho, passando pelo Algarve, Açores e Cabo Verde e na costa Angolana e Moçambicana do Índico. A atividade marítima das forças alemãs no nosso mar, terão mesmo contribuído para a nossa participação na guerra.

A marinha portuguesa teve, pois, também uma extraordinária e arriscada missão, em especial a partir de 1916, acabando por ver afundados em águas nacionais cerca de 56 navios portugueses e cerca de 80 embarcações estrangeiras, entre eles 19 britânicos e 15 italianos, 15 noruegueses, 9 franceses, 7 dos EUA, 6 da Grécia e 6 da Dinamarca, 4 da Rússia, 3 da Espanha, 2 do Brasil, um da Suécia, 1 da Holanda e 1 do Japão.

Num total de cerca de 146 navios das mais diversas nacionalidades, afundados ao longo da costa lusitana, ponto de passagem da frota de submarinos alemães.

Como homenagem a todos eles não podemos deixar de referir mais uma vez o NPR Augusto Castilho e o seu Comandante Carvalho Araújo que escoltava o paquete S. Miguel em direção a Ponta Delgada e de cuja atuação resultou o salvamento de 206 passageiros civis e emulação do NPR e seu Comandante. Luta heroica e desigual de duas horas e quinze minutos, mas testemunha de atos humanitários entre vencedores e vencidos, bem como de luta vitoriosa de 12 naufragos com o mar, os quais chegavam a bom Porto, a nordeste de Ponta Delgada, cinco dias depois do último combate, na GG, entre as forças da marinha portuguesa e alemãs. Estávamos em 19 de

outubro de 1918, cerca de seis meses depois da Batalha de La Lys. O Armistício assinava-se, menos de um mês depois, a 11 de novembro do mesmo ano.

Mas também, bem mais longe, na costa de Moçambique, o Cruzador Adamastor, e suas lanchas, bem como a canhoeira Chaimite, haviam atuado e apoiado às forças terrestres, em 1916, fazendo mesmo ações e incursões destemidas no rio Rovuma. A 23 de maio de 1916 foi mesmo longe demais a sua ação e nem a proteção da nossa artilharia impediu a sua retirada, com três oficiais e trinta praças mortos, quatro oficiais e vinte praças feridos e dois oficiais e seis praças prisioneiros. Assim terminava o combate de Namaca.

Mais um exemplo do empenhamento destemido da nossa Marinha na GG. E que dizer da aviação militar, simbolizada em Óscar Monteiro Torres e Gago Coutinho e Sacadura Cabral de que se evoca no corrente ano o Centenário da Travessia do Atlântico Sul.

Estas referências ajudam-nos a evidenciar a participação não só do Exército, sublinhada normalmente deste dia da Batalha de La Lys, Dia do Combatente, mas também dar relevo, com toda a justiça, aos combatentes da nossa Marinha e da Aviação militar.

Também nós combatentes da Guerra do Ultramar, tivemos, por decisão política de então, que nos bater em terra, ar e mar durante catorze anos e temos o direito de, odiando a Guerra, nos batermos agora pelo apoio daqueles a quem a guerra destruiu a vida e daqueles que chegados ao final de suas vidas necessitam de apoio a saúde e apoio social e financeiro para continuar a viver com dignidade.

Meus Senhores, Minhas Senhoras

Como dizia Jaime Cortesão, Combatente e médico na GG nas suas memórias (cito):

“Direi apenas o que vi e ouvi. Sofri demais para poder mentir. O sentido da verdade e a coragem de a dizer, são as maiores conquistas que esta guerra deu aos que nela mergulharam a fundo “.
Fim de citação.

Por isso, afirmo que também nós combatentes da guerra do ultramar e que nela mergulhámos a fundo, que comemoramos o nosso Dia do Combatente, e que na segunda metade do mesmo século, tivemos que enfrentar uma guerra bem mais prolongada, devemos ter coragem par continuar a dizer o que vimos, ouvimos e sentimos.

Mais do que o apreço feito por nós próprios, ao nosso comportamento, ouçamos quem nos observa do exterior:

Cito o General William Westmoreland, Chefe do Estado-Maior do Exército Americano, em relatório ao Congresso dos EUA, após visita, em 1971, ao QG português de Nampula, em Moçambique que dizia:

“Querem vencer o Vietname, senhores? Dêem-me 8000 soldados desta gente, e ainda este ano o comunismo cai nas terras da Indochina. Eu vi corpos de tropas mais numerosas, batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem soldados mais brilhantes que os do exército português, em cujas fileiras vi desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada dum Império condenado.

Quantas vezes, fui tentado a patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi realizar por essa viril e destemida gente portuguesa, que sustenta, há mais de dez anos, em três frentes de guerra, contra uma poderosa face oculta, a mais encarniçada e gloriosa luta.

Aqueles homens que desconheciam os efeitos de uma bomba H ou o simples apoio dos helicópteros, provêm de terra desde as montanhas às planícies, cada um com o seu conto pessoal e motivação para ali, a 10 000Km de casa, irem defender os ideais de uma nação há muito esquecida numa Europa dividida.

Tentado fiquei, pois, a dizer que nessa mesma Europa existiam três verdadeiros poderes, cada qual com a sua sombra no Mundo: - A Europa Americana, a Europa Russa e Portugal. E é essa raia de gente a quem se pede tanto por tão pouco quer, com meios tão escassos e de modos bem simples, carregando na alma a sombra do Império Português, não precisavam do sabor da Coca-Cola, da experiência da droga ou de cultura hippie para combater. Simplesmente faziam-no, e não abandonavam as armas por uma causa errada, mas defendiam-na não só pela gente lá de casa, mas pela casa lá da gente.

De Portugal o canteiro mais velho da Europa, vi frutos verdes ou maduros lutarem lado a lado com igual coragem, como se o combate fosse o ganha-pão dessa gente.

Querem vencer o Vietname, senhores? Dêem-me 8000 desta gente, e ainda este ano o comunismo cai nas terras da Indochina.“

Minhas Senhoras e Meus Senhores

É com este verdadeiro hino de louvor aos soldados portugueses que nos congratulamos com as preocupações expressas no Programa do XXIII Governo Constitucional relativamente aos Combatentes. Em especial o aprofundamento do apoio aos mais desfavorecidos desenhando de forma coordenada com o SNS o acesso dos antigos combatentes ao Hospital das Forças Armadas, bem como o redimensionamento da Rede Nacional de Apoio. Importante, porém, para os Combatentes é a Revisão do Suplemento especial de pensão e do Acréscimo Vitalício de Pensão isentos de IRS, bem como o apoio à Saúde, nomeadamente médico e medicamentoso.

A Liga dos Combatentes fará chegar a V. Ex^a Senhora Ministra da Defesa Nacional propostas concretas sobre este delicado e importante assunto que não se encontra expresso no Programa do Governo. A indispensável Revisão da Lei 9/2002 e 3/2009 dando satisfação a estas preocupações farão do Estatuto do Combatente um Documento verdadeiramente histórico, e de reconciliação entre os Combatentes e o Estado.

Termino agradecendo, mais uma vez, a presença de todos neste dia, mais uma vez memorável, da evocação do Dia Nacional do Combatente.

*Vivam os Combatentes da Guerra do Ultramar e das Operações de Paz
Viva a Liga dos Combatentes
Viva Portugal*

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

APRESENTAÇÃO DO LIVRO CARTAS DE AMOR E DE DOR DE MARTA MARTINS SILVA

16 de abril de 2022

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

1. Museu do Combatente, lugar de cultura, cidadania e espírito de defesa, e de homenagem a muitos dos que escreveram as cartas que Marta Martins Silva, nos apresenta em livro.
2. Lugar que foi sede do Serviço Postal Militar e por isso lugar por onde passaram muitas das cartas que hoje nos surgem na obra que é aqui lançada.
3. Lugar que em Monumento aos Combatentes do Ultramar, em 186 lápides com cerca de 10.000 nomes, os quais escreveram cartas como as que hoje referimos ou mesmo algumas delas. Lugar que ergue um memorial ao Soldado desconhecido do Ultramar. Um monumento às Missões de Paz e Humanitárias e uma lápide aos Combatentes que nelas caíram ao serviço de Portugal. E também um passeio a que foi dado o nome do fundador da Liga dos Combatentes.
4. Levam-nos a afirmar, por isso, não haver melhor lugar para fazer o lançamento de uma obra que traz a luz do dia na primeira pessoa, o íntimo, a análise, o sentimento, o aplauso e a crítica, os êxitos e as derrotas, de pessoas que tiveram:
 - Por um lado, a honra de terem servido o seu país de armas na mão, na defesa dos então considerados interesses superiores do país;
 - Por outro, que tiveram durante um período das suas vidas, que perder o direito à Liberdade e o direito à vida, as quais puseram à disposição da Pátria;
 - E alguns para a eternidade. Outros para a mutilação física ou mental. Outros para um fortalecimento da sua própria pessoa quer física quer mentalmente, ao atravessarem perigos e vencerem situações que jamais haviam pensado poder ultrapassar e lhes serviram de lição para o resto da vida.
5. O livro aborda os problemas de homens e famílias participantes nos dois grandes conflitos em que Portugal tomou parte e nós tomámos parte no século XX. Só quem tem mais de cinquenta anos os terá bem presentes. E quem tem mais de setenta anos e os viveu usa uma linguagem de difícil compreensão pelas gerações de hoje. Por isso a importância da ação que nos traz aqui hoje. Facilitar o entendimento entre gerações de hoje e do futuro. Ações que abordam dois conflitos de características opostas em termos militares:
 - A GG, guerra clássica;
 - A GU, guerra de guerrilha;
 - A GG de curta duração e grande intensidade;
 - A GU de longa duração e baixa intensidade;
 - A GG com mais prisioneiros e menos baixas nas nossas foças;
 - A GU com mais baixas e menos prisioneiros.

Mas em ambas, o conflito decorreu longe da área de retaguarda e ambas decorreram em África e GG também na Europa. Em ambas, portanto, exigindo apoios em longa cadeia logística que funcionou bem melhor na GU do que na GG. Mas em ambas foi fundamental garantir a quem foi enviado para as frentes de combate ter as notícias da família, alimento psicológico tão ou mais importante que a própria alimentação.

Com meios de transmissão bem diferentes dos que estão hoje a disposição de todos. Era a carta, o aerograma o meio de contacto que obrigou a organização de serviços de postal militar próprios para agilizar esses imprescindíveis contactos humanos, no tempo mais oportuno possível.

6. Situação propícia ao sentimento de solidão, de afastamento, de desenraizamento das raízes pessoais de apoio de sempre e a criação embora forçada, de novas amizades, novos pontos de apoio, criados ainda em tempo de paz, mas que aprofundados em tempo de guerra, perduraram pela vida inteira e justificam a necessidade de reuniões de convívios de hoje, entre antigos Combatentes e suas famílias.

Poderá parecer estranho aos mais distraídos ou aos que fazem críticas fáceis aos convívios e almoços organizados pelos Combatentes por esse país fora. Mas representam a necessidade de manutenção de laços profundos de amizade dessa nova família criada em situações de solidão e perigo.

7. Mas voltemos ao fio umbilical que as cartas e aerogramas sustentaram e são o motivo deste livro. E aqui dou dois exemplos de experiência vivida.

No dia oito de junho de 1962, nos Dembos, em Quibaxe, Angola, à uma hora da tarde, recebi um telegrama via Carmona que dizia: ótimo rapaz. Beijos. Havia nascido o meu filho Miguel. Dei dois murros numa secretaria e rejubilei. Só o vi bem mais tarde.

Recordo que outro dia, agora mais a norte em Muxaluando, a 18 Km de Nambuanguo, algures nos Dembos, em Angola, querendo escrever à minha mulher, sem ter aerograma, mas dispondo de um envelope escrevi uma carta numa folha de papel. Não dispunha de selo. Escrevi no envelope, no lugar do selo: - No lugar onde me encontro não há selos! Entreguei no primeiro avião Auster que passou e levou correio.

Em Lisboa, o chefe dos serviços dos CTT em Alvalade, foi entregar por mão própria a carta a minha casa e ainda hoje guardo essa carta. A minha mulher apanhou apenas um susto.

8. O livro Cartas de Amor e de Dor, de Marta, na sequência do livro relativo a Madrinhas de Guerra escritos por uma jovem escritora, nascida depois do 25 de Abril, é um exemplo, não só para os que neste país, se recusam a apoiar a reconhecer e dignificar os Combatentes que se bateram por Portugal nas piores condições da vida: - a guerra, mas porque demonstra uma capacidade de trabalho, de investigação e pesquisa notáveis, amenizando um tema que é composto de verdadeiras catarses. Não se limita a revelar cartas de Amor e de Dor.

Vai muito mais além, ao estabelecer uma relação íntima entre essas cartas do passado e o presente dos seus autores, por um lado os Combatentes vivos ou mortos e, por outro lado, os seus pais, as suas namoradas, as suas mulheres, enfim as suas madrinhas. Relatos íntimos, episódios reais da vida, episódios floreados das vivências, encontros e desencontros, solidão e arame farpado provocador de stress, episódios camuflados para retirar o sofrimento, episódios de morte de lado a lado nas mais diversas circunstâncias, Nossa Senhora de Fátima e os terços ou os símbolos da sorte desde a moeda ao crucifixo. Escrita e linguagem simples do soldado e do povo português enriquecido pelo discurso da autora.

9. Não se trata, pois, de um livro da teoria dos Grandes Chefes, das Grandes Políticas, das Grandes Estratégias ou Grandes Táticas. Trata-se de algo tão importante ou mais que isso. Trata-se da Teoria de Grandes Sentimentos, de Grandes Sofrimentos, daqueles que dão corpo e possibilitam a realização dessas Grandes Estratégias e dessas Grandes Táticas. Para demonstrar a importância que damos na Liga dos Combatentes a trabalhos como os que hoje apresentamos refiro um exemplo concreto. Decorreu em 2014 a evocação do Centenário do início da Grande Guerra. Bastante se escreveu então sobre a participação portuguesa na mesma.
10. Também nós nos tornámos um pouco ratos da biblioteca da Liga. Encontrei dois volumes atados num dos cantos da mesma. Desatei, abri, folhee e conclui tratar-se de um conjunto de depoimentos escritos, nos anos trinta, na primeira pessoa, de Combatentes da Grande Guerra. Um volume em português, um volume em francês. Confirmei ainda que o trabalho tinha sido suscitado por um escritor francês, também Combatente da GG que estando a fazer a história da participação francesa da guerra, gostava de incluir a participação portuguesa. Entretanto o escritor francês faleceu e o então Presidente da Liga, o professor Hernâni Cidade, também Combatente, deixou a presidência. Os volumes quedaram atados até aos nossos dias. Havia que dar-lhe vida e era o momento oportuno. Foi um trabalho delicado e moroso. Mas demos vida e homenageamos aqueles que na Liga nunca esquecemos, os Combatentes da Grande Guerra. Nasceu assim o livro *Debout Les Morts* (mortos de pé) que aqui vos mostro. São também cartas escritas por Combatentes para a Liga de Combatentes testemunhando as suas vivências. E como nele são significativas, demonstrativas, as agruras da guerra, da morte, do sofrimento, mas também da vida, do heroísmo e da alegria do regresso.
11. Regresso que transformou os heróis em esquecidos. Quer na Grande Guerra, quer na Guerra do Ultramar. Esquecidos, e aqueles a quem a vida não sorriu abandonados. Nascia assim há precisamente cem anos a Liga dos Combatentes que apoiou os Combatentes da GG e apoia ainda hoje os Combatentes da Guerra do Ultramar e apoia já Combatentes das Operações de Paz e Humanitárias.

Porque o Estado serve-se do melhor que tem, os seus soldados, e terminada a guerra esquece-os. Foi assim na GG. Foi assim na GU. E os Combatentes tiveram que se organizar para se apoiarem a si próprios de suas famílias e constituírem um elemento de pressão dos governos para garantirem apoio aos seus camaradas cegos, mutilados, gaseados, stressados, deficientes mentais ou sem abrigo. O apoio a saúde e o apoio social.

Obras como a que hoje apresentamos é mais um contributo para a História de um acontecimento, que, neste caso concreto, transformou decisivamente a vida de Portugal e das suas gentes.

A obra de Marta Silva é uma obra para o Portugal profundo, ler, meditar e recordar um período difícil da vida de uma geração sacrificada, mas que tem a sorte de ter uma juventude atenta e interessada como a Marta Silva para lhe fazer justiça e trazer à luz do dia de hoje e do futuro, o mais íntimo dos sentimentos de um povo, através das famílias e dos seus mais dedicados cidadãos: os seus soldados, sentinelas de ontem, de hoje e de sempre.

12. Permitam-me as minhas felicitações à Editora e os meus sinceros parabéns para a autora pela forma literária agradável que transmite à apresentação de um tema difícil, a qual torna agradável a leitura e se constitui num elemento útil à História da Guerra do Ultramar.
13. Termino agradecendo a presença de todos, incentivando-os a que visitem demoradamente este Museu do Combatente que evoca precisamente os três conflitos de Portugal no século XX e por que não se fazerem membros da Liga dos Combatentes, contribuindo com a vossa quota anual de 20 euros e a vossa adesão para o apoio dos que mais precisam.

Somos uma instituição de voluntários, onde não há vencimentos, nem senhas de presença, nem cartões de crédito, espalhada pelo país e pelo estrangeiro com 126 Núcleos, com duas residências para a terceira idade, 11 centros de apoio médico, psicológico e social, mais de oitenta mil sócios e 750 dirigentes. Que nos últimos anos ajudou a erguer 430 monumentos de homenagem aos Combatentes, no país e no estrangeiro e que dignificou cemitérios, construiu ossários no país e no estrangeiro e trasladou restos mortais de combatentes caídos no Ultramar.

Somos uma verdadeira instituição Particular de Solidariedade Social que merece a vossa adesão e o vosso apoio.

Termino com o grito da LC:

Liga dos Combatentes... Valores Permanentes!
Liga dos Combatentes... Em todas as frentes!

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA DAS MISSÕES DE PAZ E HUMANITÁRIAS, EM BELÉM, LISBOA

29 de maio de 2022

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Senhora Ministra da Defesa Nacional e Vogal Honorária do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, Dra. Helena Carreiras

Excelência

Num momento em que a conjuntura internacional, em especial a europeia, se debate num ambiente estratégico de guerra, a presença de Va Exa nesta cerimónia de homenagem aos que se bateram e batem em missões de apoio à paz, opondo-se à guerra, é um sinal inequívoco de apoio às Forças Armadas e à sua insubstituível missão, bem como ao seu produto final: os Combatentes e o seu contributo, para a Paz. Os nossos sinceros agradecimentos por se dignar presidir a esta significativa cerimónia.

Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional, Prof Dr. Marco Capitão Ferreira. Os nossos agradecimentos por mais uma vez nos dar a honra da sua presença. Após a audiência com Vª Exª temos a fundada esperança no apoio para resolução de alguns objetivos e problemas que afetam os antigos combatentes.

Senhor Chefe de Estado-Maior do Exército General Nunes da Fonseca, Membro Honorário do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, em representação Senhor Chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas, Almirante Silva Ribeiro; Senhor Chefe do Estado-Maior da Força Aérea General Cartaxo Alves, membro Honorário do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes; Vice-Almirante Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada, em representação do Senhor Almirante Chefe de Estado-Maior da Armada; Senhor General Representante do General Comandante Geral da GNR e Senhor Superintendente em representação do Diretor Nacional da PSP; Senhores Almirantes e Generais presentes e Diretores-gerais; Senhora Vogal da Cultura Turismo e Cidadania da Junta de Freguesia de Belém; Membros do Conselho Supremo, da Direção Central e do Conselho Fiscal da Liga dos Combatentes; Presidentes de Associações Nacionais e Estrangeiras e de Núcleos da Liga dos Combatentes.

Ilustres convidados, Combatentes do Ultramar e das Missões de Paz e Humanitárias, Capacetes Azuis. Minhas Senhoras e meus Senhores

Hoje, dia 29 de maio de 2022, é dia de, mais uma vez, homenagearmos as Forças Nacionais Destacadas e todos aqueles que nelas participam ou participaram, bem como os que ao seu serviço nelas caíram, no apoio à manutenção ou implementação da Paz. Paz, valor pelo qual vale a pena dialogar e, se necessário, por ele lutar. Fazemo-lo, no ano em curso, condicionados pela guerra no Leste da Europa e pela ameaça verbal real e televisiva, da sua extensão a nível europeu e global, através da utilização de meios da mais elevada tecnologia e destruição, até agora, generalizadamente, considerados dissuasores dessa mesma guerra.

Quebrada a confiança Leste Oeste, conseguida após a queda do muro de Berlim, e que se verificou, melhor ou pior, até ao corrente ano, serão precisos anos até que a mesma confiança um dia possa ser restabelecida.

Entramos, assim, em mais um período da História europeia de instabilidade e insegurança. A “paz eterna”, mais uma vez, terminou. O mundo europeu mais uma vez mudou, alterando-se a

estabilidade conseguida, pela dissuasão nuclear, após a segunda guerra mundial. Entretanto, na Europa ocidental, a Dissuasão conseguida deu lugar à Lassidão. A procura do Bem-estar, um dos objetivos e valores superiores de qualquer sociedade, deu lugar ao abandono do objetivo e valor, igualmente superior, dessa mesma sociedade: a sua Segurança. Mas nós portugueses, para garantirmos a segurança de Portugal, não temos que estar preparados para atacar ninguém. Devemos, sim, estar preparados para nos defendermos e contribuirmos para a segurança coletiva.

Defendermo-nos de ameaças, em que a verificação de intenções e possibilidades para as concretizar, apontam para a tentativa de uma utópica Eurásia política, de Lisboa a Vladivostok.

Defendermos o território Nacional de ameaças, em que a verificação de intenções e possibilidades para as concretizar, apontam para a hipótese de emprego de mísseis que podem cair em Londres, Paris ou Nova Iorque e porque não em Madrid ou Lisboa.

Defendermo-nos de quem nos considera país hostil. Situação que não vivíamos há mais de duzentos anos.

Defendermo-nos de quem ameaça o mundo de que se perder a guerra que iniciou, no leste da Europa, será o início da terceira guerra mundial.

Defendermo-nos da ameaça provocadora de crise económica mundial e da ameaça de maior destabilização geopolítica.

Enfim, defendermo-nos de ameaças paranóicas e da paranóia das ameaças. Já não de riscos ou desafios. Não podemos, pois, estar preparados, apenas, para participar com meios humanos na defesa da Europa, longe do território nacional, quando, não estaremos preparados para a defesa desse território terrestre, marítimo e aéreo e sua população, face aos meios modernos da guerra que minimizam a sua privilegiada posição estratégica. Não estamos preparados em meios humanos e materiais, tal como a Europa ocidental reconhece não estar. Mas estamos alertados, para tal facto, por Sua Exa o Presidente da República, mais uma vez através dos seus discursos no dia 9 de abril de 2022, Dia do Combatente, na Batalha, e no dia 25 de abril, na Assembleia da República. Mas estamos preparados, sim, doutrinária e conceptualmente.

Quanto aos meios humanos, a Constituição é clara quanto à obtenção de tais meios, estabelecendo, no artigo 276, que a defesa da Pátria é direito e dever de todos os portugueses e que o serviço militar é regulado por lei que fixa as formas, a natureza, a duração e o conteúdo da referida prestação. Importará, pois, que a referida lei esteja atempadamente, adaptada às circunstâncias. Quanto aos meios materiais, haverá que ter em consideração a análise dos meios empregues nas guerras e conflitos do século XXI e definir as prioridades dos meios de dissuasão e de defesa a atribuir às Forças Armadas portuguesas, por aquisição, aliança ou fabrico, incluindo a modernização da política das indústrias nacionais de defesa. Em termos realistas os 2% do PIB poderão não ser suficientes para a obtenção de alguma tranquilidade e credibilidade. Em plena guerra fria os 3% do PIB eram o objetivo definido, na Europa.

Temos conhecimento da importante, oportuna e detalhada intervenção da Senhora Ministra da Defesa Nacional na Assembleia da República, quando, recentemente, na discussão do orçamento da Defesa Nacional para 2022, reafirmou a prioridade atribuída às Forças Armadas assegurando os objetivos estratégicos consagrados no programa do governo e, simultaneamente, respondendo

às novas exigências impostas à Defesa Nacional e à segurança internacional, pela guerra da Ucrânia.

Estruturando o orçamento da Defesa Nacional em três eixos fundamentais: - As pessoas, o reforço das capacidades das Forças Armadas e a sua participação ativa na segurança internacional. Temos igualmente conhecimento das Diretivas, ao mais Alto Nível, dos 3 Ramos das Forças Armadas. Por outro lado, o EMGFA, na pessoa do seu Chefe de Estado-maior General, Almirante Silva Ribeiro, de acordo com os meios disponibilizados, definiu a utilização das Forças Armadas, no Âmbito da NATO, em 2022. Definiu igualmente, em Diretiva Estratégica, o seu conceito e ambição para as Forças Armadas 2022 a 2032. Nesta última Diretiva a preocupação orientadora permanente é Inovação, Inovação, Inovação.

Estabelecendo como objetivo estratégico, no período, a dinamização da inovação e da transição digital das Forças Armadas. Cumpra-se então a Inovação, na linha do reforço e dinamização das capacidades científicas e tecnológicas nacionais, em linha com o estudo da lei que a constituição estabelece quanto aos meios humanos necessários.

Aguardemos os futuros Conceitos Estratégicos da NATO e da Defesa Nacional, a sua consequência na Lei de Programação Militar e nos futuros Orçamentos de Estado, do País. Só depois disso, teremos, ou não, garantia de que as nossas Forças Armadas virão a ter meios para que, um dia, não lhes volte a ser determinado, como outrora, que cumpram missões militares de defesa em terra, no mar ou no ar, sem que lhes tenham sido dados os mínimos meios humanos e materiais para o efeito. Os cenários que se nos deparam são realistas demais para que não utilizemos o tempo a nosso favor. A esse respeito, referirei para exemplo, que o ambiente estratégico de guerra que hoje se vive, bem como a nossa ambição relativamente à segurança do mar que ambicionamos controlar, e a própria contribuição para a segurança coletiva, tornam certamente mais evidente aos críticos, a importância de termos, hoje, a nossa Marinha, dotada com submarinos.

Minhas senhoras e meus senhores

Mesmo que a atual guerra, por outros, por conveniência interna, designada por operação especial, termine, como todos desejamos, logo se admitirá por parte dos mais otimistas, o imediato baixar da guarda, mas para os mais realistas, continuarão reais e presentes, os efeitos de uma ameaça paranóica e de uma paranóia das ameaças que continuarão a existir e poderão agudizar a qualquer momento, dando origem à agressão.

A Confiança até há pouco tempo vivida, continuará por restabelecer, sem tempo definido para que tal aconteça. A insegurança, instabilidade e imprevisibilidade criadas vão manter-se, por longo período. Uma defesa militar adequada, dos países da Europa, em terra, no mar e no ar, é pois, a garantia fundamental para a sua Segurança, e manutenção dos seus valores superiores democráticos, de Bem-estar, de Justiça e de Liberdade.

O histórico guarda-chuva atlântico, que abriu na Grande Guerra, na 2.ª Guerra Mundial e na Guerra da Ucrânia, um dia poderá ter dificuldade em abrir. É realmente importante que os países europeus reforcem adequadamente o seu guarda-chuva, reforçando assim a aliança atlântica que os une.

Como Presidente da Liga dos Combatentes, e como Combatente da Guerra do Ultramar, apelo à Paz e ao diálogo entre as nações. O espetáculo a que vimos assistindo, sentados em nossa casa frente à televisão, não é nenhuma ficção. É uma terrível e dantesca realidade, em que é difícil acreditar possa acontecer no século XXI.

Há cidades e cidadãos europeus com seus bens e vidas, desumana e dramaticamente destruídos ou que morrem condicionados por uma geopolítica, expansionista, autoritária e alarmista, e pelo desrespeito do princípio de que cada povo tem o direito de escolher o seu próprio destino. Foi no respeito desse princípio que saímos do ultramar, vendo então, quem hoje desrespeita esse princípio, incentivar-nos, ativamente, para que o fizéssemos.

Portugal, ainda em tempo de Paz, mas ator ativo participante na guerra, e já com algumas represálias, deve realmente preparar-se para continuar a participar na defesa coletiva e para se defender de possíveis e até prováveis futuros tempos de crise e guerra, em terra, no mar ou no ar, e ser militarmente credível e sustentável, à sua dimensão, no seio do mundo a que pertence. Enfim, é importante reflexão profunda, pensamento estratégico realista, verosímil e convincente que conduza a acção política correspondente e coerente, para salvaguarda real da Paz.

Meus senhores e minhas senhoras

Hoje é dia de homenagearmos aqueles que têm dignificado as Forças Armadas, no estrangeiro, cumprindo superiormente as suas missões, ao serviço da Paz. Quer ao serviço da ONU, quer ao serviço da EU quer da NATO, quer em acções de cooperação com países amigos.

Hoje é dia de nos curvamos perante a memória dos que caíram ao serviço de Portugal nas Forças Nacionais Destacadas. É dia de homenagearmos a acção dos três Ramos das Forças Armadas, nomeadamente as suas unidades de comandos, fuzileiros, paraquedistas e forças especiais, não esquecendo a acção das forças da GNR e da PSP. Por isso hoje, estamos aqui, mais uma vez, nesta já tradicional cerimónia de homenagem que iniciámos em 2004, na linha da evocação estabelecida pela ONU, no dia 29 de maio, para os Capacetes Azuis. Por isso hoje, no Museu do Combatente, teremos seguidamente a visita a uma exposição referente a acção dos Comandos, Paraquedistas e Fuzileiros nas missões de Paz e Humanitárias.

Pelas 15h00, de acordo com o Programa, ocorrerá uma Tertúlia, “Experiência de todos para todos” com intervenção de elementos experientes das mesmas forças especiais, e das forças de segurança.

Termino agradecendo, a todos, a vossa presença bem como ao General Hermínio maio a sua imediata disponibilidade, para estar connosco trazendo a sua longa experiência relativamente a Operações de Apoio à Paz, em que participou. Iremos ouvi-lo seguidamente.

Vivam as Forças em Missões de Paz e Humanitárias
Vivam as Forças Nacionais Destacadas
Viva a Paz.
Vivam os Combatentes por Portugal
Viva Portugal

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DO RESTAURO DE MONUMENTO AOS COMBATENTES EM TIMOR, DILI

19 de agosto de 2022

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmos. Senhores

Cumprimento todos os presentes, agradeço a vossa presença e regozijo-me de voltar a Timor Leste como Presidente da Liga dos Combatentes de Portugal, com a mesma finalidade que aqui me trouxe da última vez.

Nós portugueses, fomos e somos cidadãos do mundo. Seguimos o pensamento de Santo Agostinho quando afirmava “O mundo é um livro, e quem fica sentado em casa, lê somente uma página”. Cada português tem um livro de muitas páginas e é raro o que só lê uma página do seu livro. Como em Aileu, há três anos, aqui estamos mais uma vez, lendo mais uma página, nós combatentes de ontem e combatentes de hoje. Nós os timorenses e portugueses, materializando mais uma ação de promoção da História e de Conservação das Memórias comuns. Momentos de elevado significado, demonstrativo da idoneidade de dois países que assumem a História, promovem a Paz e dão exemplo de solidariedade e de compreensão mútuas.

Com o apoio do Estado-Maior General das Forças Armadas, na pessoa do senhor Almirante CEMGFA António Silva Ribeiro e das mais Altas Entidades Timorenses, nomeadamente os Municípios de Lahane Oriental e Aldeia Calma, a Liga dos Combatentes de Portugal, nascida após a Primeira Guerra Mundial, no ano em curso comemorando o seu Centenário, tem hoje a possibilidade de ver alargado seu Programa Global de Conservação das Memórias, ao recuperar-se mais um monumento, integrando-se em mais de quatrocentos e cinquenta monumentos erguidos nos últimos vinte anos em Portugal e no estrangeiro, evocando a ação dos militares portugueses no que foi o então chamado de Ultramar.

Para nós Liga dos Combatentes, para nós militares de Portugal é uma honra e um privilégio sentir o apoio das Forças Armadas portuguesas, de onde emanamos e no caso presente da Embaixada de Portugal em Timor com a compreensão das Forças Armadas de Timor Leste e do Governo de Timor Leste e municípios já referidos, para que mais um símbolo da presença de Portugal no mundo e da sua cooperação com Timor Leste, seja hoje oficialmente reerguido. Reerguido fisicamente retomando a sua dignidade. Reerguido espiritualmente, por forma a permitir que cada um que por aqui passe, tenha a sua própria interpretação histórica, o mantenha preservado, evitando a sua degradação e faça dele um monumento vivo, transmitindo à juventude e aos vindouros, os verdadeiros significados dos Valores, da Guerra e da Paz que este monumento encerra.

Sim, assim vimos fazendo há longo tempo, podendo recordar, entre os 450 monumentos já referidos, os monumentos espalhados de Norte a Sul de Portugal, das grandes cidades à mais pequena freguesia, ou de Turlock, nos EUA, ou de Winnipeg, Toronto e Montreal, no Canadá, de Boulogne-sur-mer, em França, de Lobjoj, na Bósnia ou o que dentro de dias será revisitado, durante a evocação do dia do EMGFA, na ilha de S. Jorge nos Açores.

Para além desse conjunto monumental e sentimental, de escultura e cultura militar, honrando vivos e caídos, espalhado por Portugal e pelo mundo, verdadeiro património imaterial da Nossa História comum, a Liga dos Combatentes tem vindo a desenvolver no seu Programa Global

Conservação das Memórias, uma outra vertente de elevado significado patriótico, ao promover a dignidade dos espaços cemiteriais, onde se encontram inumados militares portugueses, em todo o mundo.

Fizemo-lo na Guiné Bissau, em Moçambique, S. Tomé, Cabo Verde, fazemo-lo há décadas, em Portugal e em França, já o fizemos em Aileu e em breve continuaremos esse Programa em Angola. Tarefa ciclópica, complexa e sempre incompleta, pela necessidade de manutenção permanente das ações sistematicamente desenvolvidas. É esse o reflexo do nosso lema que em permanência prosseguimos: - Honrar os Mortos e lutar pela dignidade dos Vivos. Assim temos feito e continuaremos a fazer, como hoje em Díli, com os nossos próprios meios ou com os apoios recebidos. Por isso, aqui estamos hoje, em mais esta cerimónia, verdadeiramente simbólica, da continuidade da nossa ação de preservação da memória da presença de Portugal no mundo e fazemos votos, para que aqui, em Timor Leste, possa ser continuada, quer noutros monumentos, quer nas áreas cemiteriais onde se encontrem inumados militares portugueses.

Reitero o meu sentimento de respeito e amizade pelo povo de Timor Leste e meu profundo agradecimento a todos os que contribuíram, por qualquer meio e modo, para este verdadeiro ato de refrescamento de uma memória histórica coletiva de vidas que jamais pode ser apagada ou esquecida.

Os bons e maus momentos da História dos povos, são nas suas devidas proporções, como os bons e maus momentos da história de vida de cada um, considerados individualmente. Todos esses momentos de paz individual ou coletiva, ou de conflito, deverão ser aceites, jamais esquecidos e úteis à promoção do futuro desejado.

E cito Platão que afirmou “Uma vida não questionada não merece ser vivida”, o qual emenda Sócrates que afirmara “Uma vida não examinada não vale a pena ser vivida”.

Por isso termino, fazendo votos para que o futuro de Timor Leste seja vivido e examinado, no sentido da prosperidade e da Paz, como bem merece.

Permitam-me que finalize com o grito da Liga dos Combatentes:

*Liga dos Combatentes
Valores Permanentes
Liga dos Combatentes
Em todas as frentes.*

Viva Timor Leste! Viva Portugal!

Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AOS COMBATENTES, EM RELVINHA, CALHETA, ILHA DE S. JORGE (AÇORES)

JOAQUIM CHITO RODRIGUES
TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Almirante Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas Almirante Silva Ribeiro; Exmo. Senhor Comandante Operacional dos Açores Tenente-general Luís Morgado Batista Exmo. Senhor representante do Governo dos Açores; Presidente da Câmara da Calheta e de Vela; Excelência Reverendíssima Bispo das Forças Armadas e Forças de Segurança D. Rui Valério.

Ilustres convidados, Combatentes e suas famílias. Minhas senhoras e meus senhores

Nesta efeméride aqui vivida em data nacional festiva como é o dia do EMGFA, conjugando em harmonia, recordação, homenagem e reconhecimento saúdo as autoridades e entidades presentes civis, militares e religiosas que, por esta forma participativa, afirmam, solidariedade e consideração pelos combatentes de S. Jorge por Portugal.

É, pois, com muita satisfação que, me constituo em parte integrante do marcante regozijo coletivo da homenagem neste monumento aos Combatentes da Ilha de S. Jorge, que neste Dia 2 de setembro de 2022 colheu oportunidade para ser revisitado como Monumento e Farol de memória para a nossa geração, e uma referência na história, para as futuras gerações.

De forma particularmente grata, a Liga dos Combatentes manifesta publicamente ao Senhor Presidente da Câmara da Calheta, o seu agradecimento por também nesta oportuna e generosa atitude afirmar o seu reconhecimento e ligação à Liga dos Combatentes.

Nesta ilha verde de S. Jorge, também lugar de falésias, vulcões e fajãs, é com afeto, com reconhecimento e com o respeito devidos às suas Mulheres e Homens e ao cidadão combatente deste concelho da Calheta e da Ilha de S. Jorge, bem como às suas famílias, que revivemos hoje mais um pouco da História de todos nós, sobretudo daqueles que, para a escreverem, deram de si o melhor, ou a própria vida, calcando o chão bem forte e obreiros da própria sorte.

Justifica também relevo neste contexto festivo de recordação e homenagem, o lugar de Relvinha-Calheta onde nos reunimos hoje para evocar o combatente de S. Jorge por Portugal, quer o Soldado que Combateu na Grande Guerra, quer em Moçambique, quer em Angola em 1914, quer em França em 1918, ou na Guerra do Ultramar e desta ilha e deste Concelho partiu, constituindo um ato, para nós justo e oportuno de ser distinguido.

Porque a liberdade de expressão existe não deixa de haver visões redutoras, escritas ou verbalmente expressas, sobre acontecimentos como o que hoje vivemos, contudo é nosso entendimento que, cada vez mais, é necessário acentuar a importância que este tipo de cerimónias tem, na afirmação de um povo, da sua cultura e da História desta pátria nossa amada, que os lusíadas epicamente descrevem e que esta Ilha e concelho perfilham.

Os Monumentos erguidos aos Combatentes um pouco por todo o País, 102 da GG e cerca de 450 da GU, constituem iniciativa e recordação das gentes do Portugal profundo, que neles se reveem e recordam os seus heróis, sejam monumentos mais simples ou mais elaborados, mas todos eles

um aerograma escrevendo memória - pela forma que cada um entende aos Combatentes de todos os tempos, e em particular aos do século XX saídos desta nobre ilha de S. Jorge.

O Monumento ao Combatente é um talefe afetivo que se impõe naturalmente - e é esse o seu objetivo, pelo que significa e recorda, pelo testemunho que passa aos vindouros e não pela monumentalidade estrutural que a pedra ou o aço de que é construído possa demonstrar.

Assim os Combatentes de S. Jorge que este padrão evoca e homenageia, por iniciativa do Município da Calheta, narram implicitamente muitas memórias por forma espontânea e natural, momento ao qual a liga dos combatentes com empenho se associa, felicitando os seus Promotores.

Combatentes e famílias, Ilustres convidados. Minhas senhoras e meus senhores

Hoje, como disse, não parece haver lugar à construção de Monumentos arquitetonicamente fantásticos, mas há lugar a que se ergam Monumentos mais simples na arquitetura, mas relevantes de significado, definindo o sentir e a Alma de um Povo – e atingindo a mesma finalidade de reconhecer e para sempre lembrar, neste caso, as Mulheres e os Homens de S. Jorge que em tempos passados e nos recentes Serviram Portugal com Honra e Dignidade, muitos com o sacrifício que só a guerra sabe gerar.

Estão aqui presentes, espiritual ou fisicamente, todos os Combatentes de S. Jorge, vivos e mortos, que generosamente empenharam a sua vida por um mundo livre e mais justo; oferecendo-se por todos nós para que a paz fosse a vencedora das batalhas travadas.

Se de forma mais sentida homenageamos em Relvinha, os Combatentes do Século XX por Portugal, a nossa memória não é curta, e muito menos ingrata, levando-nos a não omitir os seus antepassados de S. Jorge que noutras pelejas e lugares lutaram ao serviço da pátria e ainda os que hoje, nas Forças Armadas, nas Operações de Apoio à Paz e Humanitárias, cumprem Portugal onde Portugal os envia.

Herdámos dos nossos antepassados, longínquos e próximos, a prática do dever de respeito e da preservação da memória, devida na Vida e na Morte aos nossos BRAVOS, aos familiares, aos amigos, aos companheiros e aos nossos maiores, com as adaptações que os tempos determinam, mas à luz dos mesmos intentos que terão norteados, nesta matéria, o Homem de qualquer tempo.

Nesta ancestral Ilha de S. Jorge, Santo de devoção portuguesa desde o século XII, referência especial de D. João I, como protetor de Portugal e de D. Nuno Álvares Pereira na Batalha de Aljubarrota, que foi de 1387 a 1640 declarado Padroeiro de Portugal, hoje, as Forças Armadas e a Liga dos Combatentes, homenageiam os nossos iguais e maiores, aqueles que no nosso coração coletivo conquistaram o direito de serem individualizados e singularmente recordados, em silêncio interior, em silêncio pleno de respeito e de afeto, pessoal e institucional, seja qual for a monumentalidade e textura do símbolo arquitetónico que os torna para sempre recordados na nossa afetividade e sobretudo nas páginas da nossa História. Nesta sentida postura, espiritual e física, adquirimos a condição para serena e convictamente, homenagear os Combatentes de S. Jorge, seja qual for o paraíso em que se encontre o seu espírito, mas certos de que ele tem guarida dentro do nosso e que aqui, em Relvinha, se pereniza em Monumento essa nossa postura. Damos mais uma vez vida a este Monumento.

Hoje em S. Jorge “volta a ser recordado um tempo feito de vários tempos e modos” que para sempre marcou a vida de mais de um milhão de jovens saídos das suas terras para atravessarem mares e viverem e morrerem noutra continente ou alguns deles regressarem com traços indeléveis na sua saúde. No nosso tempo, a atitude para com os nossos ancestrais é certamente de reconhecimento, mas também de admiração, porque todo o Combatente sabe que em todas as batalhas há vencedores e vencidos e o simples facto de as enfrentar, na incerteza do desfecho, já revela carácter e grandeza, ao mesmo tempo está consciente de que o conquistado triunfo, este nunca lhe pertence, torna-se património da pátria e da humanidade e chama-se paz.

Nos campos onde se trava o destino decisivo das nações e da humanidade, cada Combatente vive na disponibilidade de oferecer a sua própria vida e fazer-se doação e entrega pela Pátria, pronto a derramar o sangue pelo seu povo e na defesa do solo onde nasceu, imbuído da mais nobre confiança N'aquele Deus em que acredita e é seu escudo e protetor, tanto nas trincheiras ou nos campos abertos das batalhas, como nas planícies e veredas da vida onde nos empenhamos a combater pelo sentido da existência, contra o ódio e o tédio que porventura assolem a alma do ser humano, corroendo o seu incomensurável valor.

A Grande Guerra foi um fenómeno mundial e dramático que mudou o mundo e a única Grande Guerra da sua história em que Portugal esteve envolvido na defesa da liberdade e conquista da Paz, mobilizando muitos Combatentes nascidos nesta região.

A Segunda Grande Guerra determinou o envio de muitas forças militares expedicionárias pelos cantos do Mundo Português, incluindo os Açores, e muitos foram os que não voltaram, não por razões de conflito armado, mas por motivos de doença. Mas deles, dos nossos Expedicionários e em nosso entendimento, pouco se fala...

A Guerra do Ultramar constitui uma epopeia recente e que marca gerações de portugueses que cumpriram ordens e denodadamente lutaram, sem saberem que o fim dos impérios estava traçado após a Conferência de Bandung, realizada entre 18 e 24 de abril de 1955 na Indonésia por 29 países asiáticos e africanos, mapeando o futuro de uma nova verdade geopolítica denominada Terceiro Mundo e originando uma profunda e progressiva mudança estratégica mundial. Não obstante os avisadores ventos de mudança que varriam os Impérios desde aquele 1955, lutámos no além-mar e foi com mulheres e homens, meninos e moços de sua mãe, que com dignidade, com sacrifício, coragem e com valentia, que se lutou por Portugal.

sendo imperativo evocar e enaltecer a gesta generosamente escrita ao longo dos tempos por esses bravos soldados filhos de S. Jorge, é justificado que ao revisitarmos este monumento, ergamos ao Céu e ao Deus em que cada um de nós acredita, uma prece silenciosa por eles.

Para nós, o ontem não se esquece e não se apaga, revive-se e por isso nomeamos cada um dos Combatentes de S. Jorge com um grito interior de “Presentes”... Uma viagem ao nosso passado, de meninos e moços empunhando armas.

Na nossa juventude, cada vez mais distante, Portugal foi-nos chamar onde cada um de nós estava – aos campos, aos escritórios, às fábricas, às escolas. Pediu-nos que interrompêssemos os nossos sonhos, largássemos as nossas famílias e os nossos amigos, adiássemos casamentos, abandonássemos o mundo em que tínhamos nascido e crescido, lançando-nos num mundo desconhecido e agreste, com guerra.

Portugal pediu-nos tudo o que lhe podíamos dar... E nós, os que respondemos com o nosso sim, demos tudo com generosidade em conformidade ao juramento um dia feito. Partimos jovens, fomos e aprendemos então a combater. Estivemos em terras que antes quase nem sabíamos que existiam, em locais remotos onde provavelmente alguns de nós nunca mais voltarão. Fomos Combatentes, em condições tão diferentes de tudo o que conhecíamos e experimentámos a guerra.

Os que dela regressaram, regressaram precocemente amadurecidos pelas experiências vividas e ousou afirmar que nenhum regressou igual, nem física nem psicologicamente, mas a maior parte regressou mais forte e mais homem, depois de ultrapassar os maiores sacrifícios, e ainda hoje permanecemos Combatentes, orgulhosamente Combatentes por Portugal. E os Governos da Nação e Assembleia da República?

Bem, Combatentes, minhas senhoras e meus senhores, os Governos da Nação esqueceram durante muitos anos quase totalmente os seus Combatentes. Já vai para muito tempo, se tomarmos por referência 1914 e a Grande Guerra, vivida em África e em França e a Guerra do Ultramar.

Ainda que o recente Estatuto do Antigo Combatente tenha obtido acolhimento do Governo e Assembleia da República, por forma tímida e como tal incompleta –, com a promessa de se constituir um primeiro passo legislativo nos temas da Solidariedade e do Reconhecimento, é notório o diminuto apoio social e à saúde que dispensou aos melhores dos seus filhos, tantos anos após o seu regresso do Além-Mar, onde desdenhámos do conforto, sentimos na alma e no corpo a guerra e convivemos com a confusão que ela gera.

O “Estatuto do Antigo Combatente” ficou-se distante do que foi proposto ao Governo e Assembleia da República, Estatuto no qual falta aprofundar e dotar financeiramente a Solidariedade devida aos que vivem – sobretudo – a Idade de Ouro...ou melhor a do Outono da Vida!

Minhas Senhoras e meus Senhores

Atualmente, aqui e ali, evidenciam-se inesperadamente alguns eruditos, filósofos prenhes de ideias de tudo por em causa.

Questionam quem somos e donde viemos, questionam sobre a nossa história, pondo em causa os valores que a escreveram ao longo de nove séculos, valores e verdades inerentes ao tempo político desses séculos.

Questionam igualmente sobre a designação e razão dos monumentos erguidos aos Combatentes.

Questionam quase tudo o que fizemos por esse mundo que fomos descobrindo,

Falta-lhes apenas afirmar que o mar... Afinal, não é salgado... E se é salgado, o seu sal não tem lágrimas de Portugal.

As cerimónias com a que aqui vivemos hoje são as tranquilas e convictas respostas de quem honra, preserva e promove a História e o futuro de Portugal.

Esta oportuna homenagem em S. Jorge, proporcionada pelo EMGFA, na comemoração do seu dia e evocação do seu padroeiro D. Nuno Alvares Pereira, devoto de S. Jorge, é o tributo da nossa geração às mulheres e homens Jorgenses que tombaram ao serviço da nossa pátria ao longo dos séculos, nos campos de batalha e por Portugal, um Portugal que nascia ou se afirmava no mundo, algumas vezes sem politicamente entender os ventos da história que se constituíram tornados políticos, que tudo alteraram, e prosseguem alterando pelas mais variadas formas...

Acabámos de honrar os mortos... Continuemos a lutar pela dignidade dos vivos.

Viva São Jorge!
Viva os Açores!
Viva Portugal!

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

HOMENAGEM AO PROFESSOR ADRIANO MOREIRA, NO DIA DOS SEUS 100 ANOS DE VIDA

JOAQUIM CHITO RODRIGUES
TENENTE-GENERAL

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Excelente iniciativa a nossa, para o dia de hoje.

Neste espaço literário nacional, em que se transforma periodicamente o parque Eduardo VII, com a chamada Feira do Livro, homenagear um homem, Adriano Moreira, que tendo nascido há precisamente cem anos, pelas ações realizadas, é reconhecidamente maior do que a sua própria vida, é afinal apenas um testemunho de gratidão e de admiração para quem nos deu o privilégio de connosco ter convivido, participando, ensinando, doutrinando, honrando com a sua presença sempre que solicitado.

Ao receber a incumbência de hoje, dia dos seus cem anos, em que não faltarão merecidas homenagens a todos os níveis, nacional e locais, senti-me pequeno perante a dimensão de tamanha tarefa. Homenagear Adriano José Alves Moreira, para a História Adriano Moreira, falando sobre ele escassos minutos, é missão impossível para tamanha dimensão.

Mais do que eu poderei dizer, a verdadeira homenagem sintetiza-se na nossa iniciativa, Liga dos Combatentes, Editora Âncora, Programa Fim do Imperio e a presença representativa de tantos outros e de todos nós, com a finalidade de, sobretudo, homenagear o Homem e o Amigo.

Por isso, a nossa primeira palavra para o Professor Doutor Adriano Moreira é de parabéns pelo seu aniversário, extensivos a toda a família, desde sua esposa de há 54 anos a esta parte, D. Isabel Mónica de Lima Mayer e a seus filhos, Isabel, Mónica, Teresa, João e António, recordando o Nuno já falecido.

Coloca-se-me então a questão de no tempo disponível priorizar quais os aspetos relevantes a salientar relativos à pessoa de Adriano Moreira.

Se abordar o académico professor universitário, o professor do Instituto Superior Naval de Guerra, do Instituto de Altos Estudos Militares e do Instituto Universitário Militar, da Universidade Católica de Lisboa e do Rio de Janeiro, da Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sórias e Políticas, da Universidade do Minho, da Universidade Aberta, da Universidade Internacional, da Universidade de Aveiro, ou da Escola Superior Colonial, o professor da Escola de Comando e Estado Maior do Brasil, da Escola Naval de Guerra do Brasil, ou o doutorado pelas Universidade de Madrid, ou honoris causa das universidades portuguesas da Beira interior e Aberta ou das Brasileiras de Manaus, S. Paulo e Rio de Janeiro, o Presidente Honorário da Sociedade de Geografia de Lisboa, o membro honorário de muitas e diversas universidades e institutos nacionais e estrangeiros, o político, o jurista, o advogado, o defensor dos generais Marques Godinho e Mendes Cabeçadas de cujo processo resulta ser preso político no Aljube por dois meses, o homem público, o deputado à Assembleia da República com o seu eloquente discurso dignificador do Parlamento, o vice-presidente da Assembleia da República, o Secretário de Estado da Administração Pública, o ministro do Ultramar, o doutrinador de política ultramarina, o abolidor do estatuto do indigenato e do regime de contratação, o criador do Código de Trabalho Rural, das Escolas de Magistério Primário e de Estudo Gerais Universitários em Angola e Moçambique, o político reformista ultramarino interrompido por Salazar, o cientista político, o

investigador de ciências políticas, o estrategista, o pedagogo, o escritor de uma riqueza intelectual ímpar racionalista de política e relações internacionais, normativo entre a sociedade e a comunidade internacional, o colonista de vários periódicos, o Homem da Academia de Ciências, o dirigente de um partido político, o estadista, o Humanista, o católico, o promotor da História, o patriota, o Homem do Estado exíguo, o membro do Conselho de Estado, o homem que ultrapassou o estado novo e continuou grande após o 25 de abril, o Homem altamente condecorado pelo país e pelo estrangeiro, enfim o Homem simples, afável, sempre disponível e de fácil e extensiva relação humana, ou finalmente o chefe de uma família exemplar? Em quais e quantas mais referências de interesse da vida de Adriano Moreira nos poderíamos inspirar mais?

Sim, estamos perante um Homem com uma vida sabiamente vivida e dedicadamente dividida. De Grijó, aldeia de casas de terra, pedra e barro, onde nasceu, para o mundo, viria para Lisboa onde seu pai tendo prestado serviço militar em Lisboa, viria a ser admitido na PSP, onde foi Subchefe-ajudante da Administração do Porto de Lisboa, em Campolide, tendo os pais proporcionado a seus filhos Adriano e Otília, oito anos mais nova, os cursos respetivamente de Direito e de Medicina.

Adriano Moreira não se desenraizou e sempre que pode voltou a Grijó a casa de seus avós maternos e algumas vezes lhe ouvi referências a Grijó afirmando que foi o primeiro Portugal que conheceu e amou.

É hoje um português de referência atual e para o futuro. A sua presença no mundo português e não só, e a sua obra não o deixará perecer. É um homem que criou uma doutrina e uma forma inovadora de análise da estratégia e da política e relações internacionais que ficará como referência da história contemporânea portuguesa dos séculos XX e XXI. A sua obra tem uma dimensão ecuménica.

A vida de Adriano Moreira enquanto homem público e político poder-se-á definir em dois períodos com um pequeno interregno de três anos no Brasil entre o primeiro e o segundo período.

O primeiro período no decorrer do Estado Novo em que se tornando um dos responsáveis políticos pela coisa do ultramar incluindo a sua defesa, defendeu e pôs em prática ideias inovadoras no âmbito da promoção dos direitos humanos e foi decisivo na escolha dos militares governadores e comandantes-chefes do Ultramar em períodos críticos como o da Índia e de Angola em 1961. Como diz Almeida Santos quando lhe solicitaram que falasse sobre Adriano Moreira salienta neste período, três medidas que confirmaram em Moçambique o crédito de reservada confiança que lhe foi dado então pelos democratas daquela colónia.

Passo a citar:

“A primeira dessas medidas foi a criação de duas universidades, uma em Luanda outra em Lourenço Marques, das quais se esperava um impacto significativo na formação das elites culturais africanas, a data inexistentes.

A segunda foi a revogação de uma penada do sinistro estatuto do indigenato, que pôs fim ao apartheid entre indígenas de assimilados.

A terceira medida traduziu-se na aprovação de um Código de Trabalho Rural. Acabou o trabalho forçado. Era demais para o ditador e esses três são atrevimentos, seguramente entre outros,

ditaram a expulsão de Adriano Moreira do seu Ministério. Apolítica ultramarina do estado novo voltou a ser velha”. Fim de citação.

O segundo período, após três anos no Brasil, após o 25 de Abril, inicia-se com o regresso a Portugal pela mão de Pinheiro de Azevedo, homem da Marinha, ramo das forças Armadas que Adriano Moreira serviu devotadamente uma vida inteira.

Como serviu em todas as missões que lhe foram atribuídas e atrás citei. Aprofundei o conhecimento pessoal com o Professor Adriano Moreira quando, como Diretor do Instituto de Altos Estudos Militares, o convidei várias vezes para ali ministrar conferências aos cursos de Estado-maior e de Altos Comandos e mesmo para fazer parte de um Conselho de Estudos Estratégicos então criado. As relações amigas criadas levaram a que tivesse mais tarde aceitado fazer a Apresentação do meu livro Moçambique-Anatomia de um processo de paz, precisamente no IAEM.

Convidado de Honra para todas as Cerimónias da Liga dos Combatentes nunca deixou, enquanto pode, me de estar presente. As suas palavras, conselhos e análises da situação nacional e internacional foram sempre bem-vindas. Enquanto Comandante da Instrução do Exército sempre defendi a criação de uma universidade militar a fim de garantir o reconhecimento do ensino militar a nível nacional. Várias vezes trocamos impressões. O problema era a localização das Ciências Militares de que a lei da Academia Militar falava, mas não eram reconhecidas, no âmbito das ciências ministradas nas universidades. Um dia ouvi-lhe dizer as Ciências Militares são um ramo das Ciências Sociais.

Estava aberto o caminho que, com ele sempre atento, demorou anos a percorrer para a integração do ensino militar no ensino universitário e a criação do IESM, hoje IUM. O Programa da Liga dos Combatentes em parceria com a Câmara de Oeiras e Comissão de História Militar, Fim do Imperio deu-lhe guarida pala mão do Dr. Vieira Pinto com o livro “Adriano Moreira - Vida e obra de um Grande Português”.

Mais uma razão para nós aqui estarmos hoje. Todos aqueles que já contribuíram com o seu conhecimento e saber para esse Programa Fim do Imperio, sentem-se honrados com a obra dedicada a Adriano Moreira, de “quase quatrocentas páginas de dados, descrições e inserções em contextos históricos”. “Só notas de roda pé são mais de oitocentas”.

O Dr. Vieira Pinto não se incomodará se considerarmos o seu livro como uma das grandes homenagens feita, por todos nós, ao Prof Doutor Adriano Moreira.

Falo-vos hoje como Presidente da Liga dos Combatentes. Nessa condição e considerando tudo quanto acabo de vós referir, informo que neste dia de comemoração do centenário de Adriano Moreira, a Liga dos Combatentes atribui ao Professor Dr. Adriano Moreira a mais elevada condecoração da Liga, a Medalha de Honra ao Mérito, grau ouro, pelo permanente apoio, conselho e acompanhamento da coisa militar e da defesa nacional, nomeadamente no que diz respeito aos direitos e deveres dos antigos combatentes e da missão da Liga dos Combatentes de que é sócio Honorário.

Temos a honra e a satisfação de, neste dia festivo, estarmos a falar do presente e não do passado. Estamos a comemorar o aniversário de um grande português vivo.

Mas simultaneamente, a reavivar a memória dos seus feitos já realizados. Que Deus em quem acredita e a Saúde o protejam. O seu corpo revelou-se tão grande e forte como o seu pensamento e alma de português.

Obrigado pela sua presença inspiradora, geralmente aceite por todos quadrantes universitários e aceitação, compreensão e respeito por parte de todos os quadrantes políticos.

Parabéns pelo merecido dia de aniversário de hoje. Continuará connosco.

Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DE MONUMENTO AOS COMBATENTES CANENSES – CANO, SOUSEL

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

17 de setembro de 2022

Minhas Senhoras, meus Senhores
Caros Combatentes

Hoje, na freguesia de Cano, concelho de Sousel, está a acontecer e a promover-se História.

*História, essas memórias do esquecimento
Escritas na pedra, pergaminho ou pensamento
A que o homem e o tempo vai dando nascimento*

*A História faz-se dia a dia repartida
Pelo tudo e pelo nada que se liga
Coragem, esperança, amor, fadiga
E o sagrado da memória coletiva*

Tem sido essa memória coletiva, pelo tudo e pelo nada que se liga, que tem estado a acontecer na freguesia de Cano.

Reavivar a memória do esquecimento homenageando um herói aviador do século passado, Capitão Celestino País dos Ramos, que para além de, em avião de pau e pano, ter feito as travessias Lisboa-Madrid-Lisboa-Marrocos-Lisboa-Moçambique, parando em mais de trinta locais, decidiu um dia fazer uma aterrissagem em Cano, terra de nascimento de sua mãe. Há precisamente um século. É esse centenário que hoje evocamos. Herói digno da Torre Espada, Valor Lealdade e Mérito que foi atribuída.

Por outro lado, Cano homenageia hoje os seus Combatentes do Ultramar, colocando mais uma pedra no edifício que as freguesias, concelhos e municípios do país têm construído tendo edificado nos últimos anos mais de 450 monumentos fazendo assim História repartida pelo tudo e pelo nada que se liga. A maior parte desses Combatentes que ao longo do século XX e XXI se bateram de armas na mão na defesa dos valores e dos interesses superiores de Portugal sentiram necessidade de se organizar criando uma Instituição patriótica e humanitária de seu nome Liga dos Combatentes e que igualmente está comemorando o seu Centenário. Para nós todas as Cerimónias como esta se enquadram na evocação do nosso Centenário. Cerimónia por isso muito especial em Cano. Momento feliz para o Presidente da Liga dos Combatentes estar em mais uma cerimônia em que o Portugal Profundo homenageia os seus heróis.

Hoje no Cano “volta a ser reforçado um tempo feito de vários tempos e modos”.

Homenageamos parte de cerca de um milhão de jovens saídos de suas terras para atravessarem mares e viverem e morrerem noutra continente ou alguns deles regressarem com traços indelévels na saúde. Mas, a maioria regressaria mais forte e mais homem depois de conhecerem, dominarem e ultrapassarem com coragem e sacrifício o limiar entre a vida e a morte violenta.

E foi esta dúvida que durante mais de dois anos nos corroeu a vida. E a alguns que aqui hoje evocamos corroeu-lhes a vida para sempre. Se nos referimos sempre aos três Ramos das Forças Armadas, hoje para além dos que se bateram em terra e no mar damos relevo e individualizados os que se bateram no ar.

E é com respeito e admiração que sublinho a ação da Força Aérea na guerra do ultramar no apoio às forças terrestres, apoiando pelo fogo, pelo reconhecimento aéreo, pela evacuação, pelo transporte, pelo apoio logístico, enfim, numa cooperação aeroterrestre exemplar que merece ser sublinhada.

Minhas Senhoras, meus Senhores

Os monumentos erguidos aos Combatentes em todo o país sejam mais simples ou mais elaborados são um aerograma escrevendo memória. Não é a dimensão megalítica ou a riqueza da estrutura que enaltece os nossos. O monumento ao Combatente é um talefe afetivo que se impõe naturalmente. Hoje temos um monumento que dá ênfase a muitas memórias e a muitas dúvidas da partida e da eventual chegada, mensagem essa que emana de uma das faces sobre a pureza do mármore branco pacífico de Estremoz.

*Vejo os pais vejo as colunas
Onde se encostaram um dia
P'ra ver esfumar os valores
Que d'Alvantara Mar partiam
P'ra partilhar a saudade
Dos que partiam sem vontade*

*Não importa qual o vapor
Que beije o Tejo no cais
O que conta é a dor
Da dúvida de voltar
Ou não voltar mais
A ver gaivotas no cais...*

Minas Senhoras e meus senhores

Nestes momentos de Homenagem e reflexão sobre o passado, num universo onde se encontram Combatentes vivos e a cuja vivência diz muito o que temos vindo a referir, não posso deixar de dizer algo sobre o presente. Foi há dois anos publicado o Estatuto do Combatente. Está sendo regulamentado e ainda falta serem implementadas no seu todo diversas medidas. Já classifiquei o Estatuto de documento histórico, saído cinquenta anos depois do fim da guerra. O estatuto foi encarado pelo governo e Assembleia da República de forma tímida e incompleta e com a promessa de se constituir um primeiro passo legislativo nos termos da solidariedade e do reconhecimento. No primeiro passo tratou-se do Reconhecimento moral que finalmente nos sensibilizou. O passo legislativo final é urgente que seja dado, procedendo-se ao reconhecimento material e que sejam revistos os débeis apoios financeiros e a saúde estabelecidos pela lei 3/2009 e infelizmente não

melhorados no atual Estatuto. Como costume afirmar é importante garantir a reconciliação dos Combatentes com o Estado.

Termino saudando todos os Combatentes do Cano, vivos e mortos, da Grande Guerra, da Guerra do Ultramar ou das Operações de Paz, que generosamente empenharam a sua vida por um mundo livre e mais justo, oferecendo-se por todos nós para que a Paz fosse a vencedora das batalhas travadas.

Como militares, obedeceram, lutaram e cumpriram, reconhecendo que por vezes tiveram que ser o fator decisivo na mudança da História. Talvez por isso se afirme frequentemente que Portugal é obra de soldados.

Viva Cano e Sousel
Viva Portugal

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA DE FINADOS

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES
02 de novembro de 2022

MENSAGEM AOS COMBATENTES E FAMÍLIAS

Caros Combatentes e Famílias

Dia 2 de novembro é dia de Finados. Como em todos os anos é dia de reflexão, de recordação dos bons e maus momentos vividos com entes queridos, camaradas e combatentes que já nos deixaram.

É dia de profunda saudade, aceitação e compreensão do fenómeno mais inexorável da vida: - a morte. Por isso, este é o dia mais triste do ano. O dia em que todos, qualquer que seja o lugar onde estivermos, em casa, na igreja, no cemitério, recordaremos intimamente os mais queridos e chegados que nos deixaram.

E se o podemos fazer ao longo do ano, hoje fazemo-lo em conjunto, convergindo numa força espiritual única, não só como cidadãos, mas como combatentes que, com as nossas famílias, embora afastados fisicamente, estaremos unidos no mesmo sentimento de prestação de uma homenagem aos que conosco, viveram, trabalharam ou combateram.

É essa força espiritual única que nos impele na Liga dos Combatentes a aprofundar, em permanência, o nosso lema “Honrar os Mortos e Lutar pela Dignidade dos Vivos”. Neste dia, honramos os mortos, mas jamais poderemos esquecer a dignidade dos vivos.

Dignidade que passa por garantir melhores apoios sociais e apoios à saúde por parte do Estado, a todos, e com especial atenção aos mais carenciados, doentes físicos e mentais, sem teto ou sem abrigo, ou com pensões de pobreza.

Enfim, como sentimos naturalmente, em dia de finados, hoje estamos todos de luto. E a expressão pública desse sentimento do povo, universo donde os combatentes emanam, é o uso de um fumo preto no braço esquerdo ou laço preto na lapela do casaco.

No dia 2 de novembro, a Liga dos Combatentes incentiva todos os seus membros, dos dirigentes aos seus associados, seja qual for a sua condição, seja qual for o lugar onde se encontrem, no país ou no estrangeiro, a usarem um laço preto na lapela esquerda do casaco.

Os que nos deixaram, sem o reconhecimento material que lhes garantisse, em vida, a dignidade que mereciam, estejam onde estiverem, agradecerão de nós, essa manifestação exterior pública de respeito, compaixão, misericórdia e generosidade.

Neste dia de Luto e de união espiritual profunda de combatentes e famílias, com os nossos antepassados, somos sentimentalmente incentivados a que, de futuro, mantenhamos o laço preto na lapela esquerda do casaco, em todas as atividades, nomeadamente cerimónias oficiais nacionais e locais, convívios e outros atos públicos, até que seja feita a revisão legislativa dos direitos de apoios sociais e à saúde, dos combatentes e famílias, passando o Estatuto do

Combatente a ser um documento verdadeiramente histórico e reconciliante do Estado com os cidadãos combatentes.

A Liga dos Combatentes está hoje de luto e manter-se-á de luto, em Honra dos Mortos e luta pela Dignidade dos Vivos, na prossecução desse objetivo.

A Força e a Razão que nos une e que uniu os que nos precederam, de há um século a esta parte, merece este testemunho, simultaneamente de gratidão e de esperança. Esperamos continuar a interpretar o vosso sentimento de insatisfação profundo. Contamos, como sempre, convosco.

Laço preto na lapela esquerda do casaco é o testemunho público da nossa e vossa mensagem de tristeza.

Aprovado em Reunião da Direção Central de 13 de outubro de 2022 e do Conselho Supremo em 24 de outubro de 2022

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-General

104.º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO DA GRANDE GUERRA, 101.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA LIGA DOS COMBATENTES E 48.º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

11 de novembro de 2022

Exma. Senhora Ministra da Defesa Nacional Prof.^a Dr.^a Helena Carreiras, os nossos sinceros agradecimentos por se ter dignado presidir a esta nossa cerimónia nacional da Liga dos Combatentes de homenagem aos Combatentes, à Liberdade e à Paz.

Exmo. Senhor Presidente da Comissão Parlamentar de Defesa Dr. Marcos Perestrello, registamos com profundo agrado e reconhecimento a presença de V.^a Ex.^a nesta Cerimónia Nacional da Liga dos Combatentes, instituição que tão bem conhece.

Exmo. Senhor Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Gouveia e Melo, em representação do Almirante Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas; Exmo. Senhor Chefe do Estado-Maior da Força Aérea General Cartaxo Alves; Exmo. Senhor General Comandante do Pessoal do Exército Tenente-General Eugénio Henriques em representação do General CEME; Exmo. Senhor Superintendente-Chefe Magina da Silva, Diretor Nacional da PSP; Exmo. Senhor Brigadeiro General Borlido Rocha, em representação do General Comandante-Geral da GNR; Exmos. senhores Generais Pina Monteiro e Rocha Vieira, antigos Chefes de Estado-Maior; Exmo. Senhores representantes do Presidente da Câmara Municipal de Lisboa e da Junta de freguesia e Belém; Exmo. Senhor Secretário-Geral e Diretores Gerais do MDN; Exmos. Senhores Almirantes e Generais, presentes; Ex.^a Reverendíssima Bispo das Forças Armadas e de Segurança, D. Rui Valério; Sua Alteza D. Duarte Nuno Duque de Bragança; Exmos. Senhores Embaixadores da França e de Angola Stephan Vojetta; Exmos. Adidos de Defesa do Reino Unido e Adido de Defesa do Reino Unido em representação do Senhor Embaixador, Adido de Defesa dos EUA; do Brasil, da França e da Alemanha; Exmos. Senhores Presidentes das Associações Francesas, Inglesas e Portuguesas presentes; Exmos. membros Honorários, do Conselho Supremo da Assembleia-Geral, do Conselho Fiscal e Presidentes dos Núcleos da Liga dos Combatentes.

Ilustres Convidados, Membros da Comunicação Social, Caros Combatentes e Famílias. Minhas Senhoras e meus Senhores

Neste espaço simbólico, onde se respira História de Portugal e é sagrado para os combatentes por Portugal, evocamos hoje, mais uma vez, os combatentes, a liberdade e a Paz. Em especial a Paz coletiva resultante do tratado de Versalhes que pôs fim à Grande Guerra. A Paz coletiva resultante do 25 de Abril que pôs fim à Guerra do Ultramar. A Paz individual, interior e física, proporcionada pelo apoio garantido pela Liga dos Combatentes aos combatentes por Portugal, ao longo do último século.

Estes três motivos humanitários e patrióticos justificaram a criação deste espaço de memória, da Torre de Belém ao monumento às Operações de Paz e Humanitárias, passando por um Forte respirando história e abraçando lápides com cerca de dez mil nomes, de combatentes caídos em campanha, uma capela e um memorial ao soldado desconhecido do ultramar. Um espaço de memória que evoca Paz e os que por ela lutaram e caíram por Portugal, e se encontram em Paz eterna.

As circunstâncias do mundo de hoje levam-nos, justificadamente, a evocar o Armistício da Grande Guerra e o fim da Guerra do Ultramar, recordando o sentimento de luto, e simultaneamente de alívio, de alegria, de liberdade, de sobrevivência e de esperança de uma nova vida, que o fim da guerra provoca e proporciona.

Nos dias de hoje, ambicionamos, pois, que aconteça Paz, com urgência, na guerra que ocorre a leste da Europa, embora o provocador da mesma, ameaça permanentemente estende-la a toda a Europa, ameaçando mesmo tomar medidas que poderiam conduzir a um conflito global.

No Séc. XXI, com atores, com páginas negras e gloriosas de história, que se consideram do primeiro mundo, não se compreende haver ainda ambição política hegemónica, imperial, estratégica, tática, ou mesmo local, que justifiquem operações militares especiais ou guerra de destruição, que, ofensivamente, com pretensiosos argumentos defensivos e sem qualquer diálogo com os atores a quem se opõem, procurem conduzir à destruição de sociedades organizadas e à implantação de uma nova geografia humana, esquecendo os valores morais de quem se vê obrigado a defender-se e os reais valores da Paz, serem ofendidos por quem intempestivamente decide atacar militarmente.

Compreende-se, pois, que comemorar anualmente a Paz, resultante do fim da Grande Guerra e da Guerra do Ultramar, como incentivo à Paz global, seja o nosso propósito tradicional. Mas dar-lhe a maior projeção possível, é tarefa que nos ultrapassa, cabendo aos poderes políticos e também à comunicação social completar os ecos desta nossa posição e ação permanente. Conhecemos a guerra. Odiamos a guerra. Ao nosso nível, mais uma vez, será mais um sinal de alerta, uma mensagem que se deseja transmitir e sublinhar de que, uma vez experimentada a guerra, é paranoico voltar a desencadeá-la e mantê-la, contra tudo e contra todos, e nós que o digamos, sem que se vislumbre um momento de reflexão pacífico sobre as ações políticas, estratégicas e táticas que merecem a reprovação, praticamente, de todo o mundo.

Hoje, evocamos a manhã lucida, de 11 de novembro de 1918, que pôs fim a uma guerra a que os historiadores deram o nome de Grande Guerra, para passados cerca de vinte anos, se verem obrigados a chamarem-lhe 1.ª Guerra Mundial, porque a Europa e o mundo, se viram envolvidas novamente em algo aterrador e a que só o terror superior da arma nuclear pôs fim, após dezenas de milhões de mortos, civis e militares.

A História não se pode repetir, devendo nós lutar por isso a todo o custo, seja a leste, seja a oeste, da área selecionada pelo princípio de Mackinder.

Minhas senhoras e meus senhores

Curiosamente, o 11 de novembro de 1975, torna-se também, simbolicamente, um dia de paz para Portugal. Hoje, 11 de novembro de 2022, Angola, onde teve início o conflito do ultramar, comemora, mais uma vez, a sua independência, embora do anterior, conturbada por trinta anos de guerra civil.

Nós comemoramos aqui, hoje 11 de novembro, o fim da Guerra do Ultramar. Somos a única instituição do país que o faz publicamente, até hoje, com o inestimável apoio das Forças Armadas e do Ministério da Defesa Nacional. Cumpre-nos, pois, a nós combatentes, que conhecemos a guerra, evocarmos sistematicamente a Paz, composta de bem-estar, diálogo e diplomacia, que promovem desenvolvimento e evitam destruição e morte.

E a forma que encontramos mais válida para apelar à Paz é invocar o passado violento da nossa História, essa mãe da vida, enaltecermos os que se viram obrigados a fazer a guerra, para preservar

os valores superiores e últimos do seu país, defendendo a memória dos seus antepassados e conduzindo à garantia da preservação dos objetivos vitais de Portugal, da Liberdade e da Paz, quando se esgotaram todos os outros meios para os defender. É fundamental que para isso estejamos, em permanência, moral e materialmente preparados. Nós combatentes da Guerra do ultramar, aprendemos a combater, para garantir a paz individual e coletiva, quando, enviados pelo poder político de então, nos deparámos com um inimigo, oriundo das conferências de Bandung 1955, que se organizou para nos fazer a guerra. Nós combatentes do ultramar, fizemos a guerra a quem nos fazia a guerra. Combatemos o bem combate e apoiamos as populações. Promovemos a Paz integral. Contivemos a guerra em áreas limitadas de Angola e Moçambique e contribuímos, decisivamente para a Paz e desenvolvimento até aí nunca atingido, de grandes espaços geográficos e populacionais que, por isso, nunca sentiram a guerra e, pelo contrário, sentiram prosperidade e bem-estar, proporcionado pela ação das Forças Armadas portuguesas.

Houve de facto, uma forma portuguesa de fazer a guerra. Aberturas de escolas, de estradas, de cinemas, de igrejas, de aeroportos, de hospitais e centros de saúde, desenvolvimento regional, contacto e apoio das populações, impediram a violência e criaram uma doutrina de conta subversão. Uma vez mais em África acontecia “obra de soldados”. Não temos por isso qualquer complexo ou sentimento de culpa. Não fizemos nenhuma guerra colonial. Em rigor histórico, nunca fomos mobilizados para as Colónias. Fomos mobilizados, constitucionalmente, para o Ultramar, Nunca, como soldados e combatentes, nos sentimos colonialistas.

Nós, as Forças Armadas e os seus combatentes, não temos, pois, que pedir perdão a ninguém. Não envergonhámos a história, ao contrário do poder político de então. Pelo contrário, os poderes políticos teriam que nos pedir perdão, a nós combatentes, por nos terem enviado para uma guerra, legal, porventura ilegítima, e à partida, e durante longos anos, condenada pelas instâncias internacionais. Pedido, devido às famílias forçadamente regressadas ou que, neste monumento, veem em lápides, o nome de seus filhos, símbolos de determinação e sacrifício, no cumprimento superior de uma missão recebida, numa guerra conduzida, como definiu o general Costa Gomes, comandante-chefe das Forças Armadas em Angola, da forma mais humana possível.

Hoje, os combatentes, independentemente de circunstâncias com que se veem confrontados e ambicionam resolvidas, devem sentir-se orgulhosos por o Governo e a Assembleia da República terem aceite a proposta da Liga dos Combatentes para que fossem considerados Titulares do Reconhecimento da Nação, embora decisão histórica tomada, 48 anos após o fim da guerra. Orgulhamo-nos por ter conseguido finalmente esse reconhecimento, que é uma leitura perfeita do sentimento do Portugal profundo, inúmeras vezes por nós testemunhado.

À Liga dos Combatentes está vedado estatutariamente tomar parte em atividades políticas, partidárias ou ideológicas. Não se rege, nem alimenta, por isso, situações pontuais suscetíveis de confrontação política a qualquer nível.

Bate-se sim, na linha do seu lema por “honrar os mortos e lutar pela dignidade dos vivos”. Luta não significa para nós, combate ou confrontação, significa esforço e trabalho árduo para que, alertando e argumentando frontal e lealmente, os decisores, se consiga algo que promova justiça social e à saúde dos combatentes. Por isso, voltamos aqui hoje, honrando os nossos combatentes mortos e estaremos amanhã, no Portugal inteiro e na diáspora, continuando a lutar pela dignidade dos nossos combatentes vivos. Honra-nos termos servido Portugal, como fizeram os nossos antepassados da Grande Guerra, nos mesmos espaços estratégicos em que nós o voltámos a fazer, e regendo-nos

pelos mesmos princípios e valores vitais por que se batem hoje, no novo ultramar português, os que continuam a servir Portugal, onde Portugal os envia.

Minhas senhoras e meus senhores

Antes de terminar saliento que, no corrente ano, a Liga dos combatentes decidiu prestar homenagem à ação da Armada portuguesa no Ultramar.

Agradeço todo apoio do senhor CEMA Almirante Gouveia e Melo. Iremos ouvir seguidamente o Senhor Contra-Almirante Leiria Pinto sobre o tema. Posteriormente será inaugurada uma exposição, no Museu do Combatente, subordinada ao título “Sobre a terra e sobre o mar -A Armada no Ultramar” e, pelas 15h00, no mesmo lugar, decorrerá uma tertúlia sobre igual tema.

Minhas senhoras e meus senhores

É nesta determinação de preservar e conservar a Memória e visitar com rigor a história que, uma vez mais, reafirmo que nos honra, como combatentes da Guerra do Ultramar e do 25 de Abril, termos sido parte integrante de uma das Batalhas Decisivas da História de Portugal. Por isso jamais esquecemos os valores intrínsecos da Paz e da Liberdade.

E aqui estamos mais uma vez neste espaço de memória histórica dos combatentes, que para terminar, passo a sinteticamente caracterizar:

DO INÍCIO AO FIM DO IMPÉRIO

*Rodeia-nos gente de vários quadrantes
Bom Sucesso é um ponto convergente
Entre princípio e fim do Império
Aqui se juntam sábios e ignorantes
Aprendendo a história de outras gentes
Dos portugueses conhecendo o génio*

*De um lado uma Torre de Belém histórica
De belo rendilhado manuelino
Do outro um monumento simbólico
Do fim do Império marco de destino
Tendo ao meio belo forte alegórico
Do século dezoito vespertino.*

*Em duzentos metros cabe a História
Em lugar repleto de nossos credos
Aqui é grande a pequena memória
Aqui são pequenos os grandes medos
Quando neles se juntam heróis e glória
Deus e Santos glorificam portugueses.*

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

MENSAGEM DE NATAL

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES
02 de novembro de 2022

MAIS UM NATAL IRREPETÍVEL 2022

Natal! Época anual de pausa individual e coletiva, de convergência e coesão num sentimento comum: Desejo de Paz e Felicidade.

Sentimento, ano a ano repetido, no mundo cristão, e que embora tenha a força suficiente para suspender temporariamente guerras, jamais tem conseguido pôr-lhe fim! Muitas vezes porque o Poder converge no indivíduo ou indivíduos, cujas decisões contrariam o sentimento coletivo!

Em sentido restrito o Natal, sinónimo de festa natalícia, de harmonia familiar, de tranquilidade, de manifestação externa de desejo de felicidades a amigos e conhecidos, abre portas a um novo ano, em que sistematicamente se renova a esperança de êxitos, sucessos e vitórias individuais e coletivas, e onde se deseja que a tranquilidade e a Paz vençam a ambição desmedida e a guerra. Todos ambicionam por felicidade! A época natalícia, cada ano repetida, é todos os anos irrepetível e por isso cada ano diferente dos anteriores.

Em cada um de nós a vida avança numa direção conhecida! Uma vez com felicidade, outras com drama. Uma vez em Paz, outras com o fantasma da Guerra. Mas em qualquer das circunstâncias sempre com esperança de que o futuro seja de Bem-estar, Justiça e Liberdade individual e coletiva.

Nós, Combatentes e membros da Liga dos Combatentes, e nossas famílias, é nesses objetivos que, mais uma vez, nos focamos neste Natal de 2022.

Fazendo Votos para que este Natal nos dê força para continuar a acreditar que o ano que se aproxima seja um ano em que a justiça e a força da liberdade de expressão nos ajudem a melhorar os apoios do Estado que nos permitam melhor Bem-Estar. Permitam um ano de 2023 mais feliz e que o Natal do próximo ano possa ser passado e festejado com outro estado de espírito individual e coletivo. Com menos tristeza do que o ostracismo e a indiferença provocam.

Entretanto e porque sabemos enfrentar as dificuldades da vida em tempo de Paz, depois de termos enfrentado as dificuldades da guerra e da insegurança, festejaremos o nosso Natal de 2022 com alegria, em convívios e em família, em solidariedade e com apoio mútuo.

Se em determinada altura das nossas vidas, o dever nos retirou o direito à Liberdade e o direito à Vida, e conseqüentemente nos roubou verdadeiros Natais, hoje, cada um, de acordo com as condições que a vida nos proporcionou, comemoremos o Natal com um sentimento de Paz e de União e na Liga dos Combatentes, com a certeza de que nos cem Natais já passados desde a nossa fundação, todos estivemos e continuamos unidos no cumprimento dos nossos objetivos e sempre lutámos e ambicionámos, para todos, BOAS FESTAS E UM BOM ANO NOVO.

Para que isso aconteça, importa que todos contribuamos, com o nosso esforço e nosso saber, para que tal aconteça.

Aos que se batem hoje onde Portugal os envia, na defesa dos interesses superiores do país, faço votos de um Natal o mais tranquilo possível. Aos que se bateram e batem numa missão de segurança nacional, em situação de emergência, combatendo a Pandemia, testemunho a nossa solidariedade e que em breve se juntem à Liga dos Combatentes. Nós combatentes que fomos, em situação de guerra, seremos ainda mais fortes, estatutariamente convosco, enquanto combatentes pela defesa da vida dos portugueses.

Aqui vos deixo, a todos, votos de boa saúde e as maiores felicidades natalícias e no Ano Novo que se aproxima.

O Presidente da Liga dos Combatentes,
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-General